

**O FILISTEU DA CULTURA ENQUANTO LIVRE-PENSADOR E
REPRESENTANTE DO ESTADO E DO CRISTIANISMO INSTITUCIONAL
EM NIETZSCHE**

**THE PHILISTINE OF CULTURE AS A FREETHINKER AND
REPRESENTATIVE OF THE STATE AND INSTITUTIONAL CHRISTIANITY
IN NIETZSCHE**

Pamela Cristina de Gois¹

Resumo

Atento aos problemas da falta de honestidade intelectual presente nos seus conterrâneos, Nietzsche defende a necessidade de se agir de maneira contrária à do livre-pensador, representado na figura do teólogo David Strauss. O filósofo chama a atenção para questões relativas a uma existência plena. Ao contrário, o livre-pensador está demasiadamente preocupado em ter fama, não se volta para a cultura popular, tampouco para o que realmente é necessário à vida. Ele está somente vinculado às massas, é filho dessa cultura tipicamente alemã e nacionalista de sua época. Assim, Nietzsche aponta que David Strauss é a submisso à moralidade cristã e ao Estado. Deste modo, também influencia os demais eruditos a continuarem cometendo esses mesmos erros, uma vez que ele é visto como uma espécie de líder desse público, mesmo sendo um filisteu da cultura.

Palavras-chaves: cultura; estado; cristianismo; existência.

Abstract

Attentive to the problems of the lack of intellectual honesty present in his fellow countrymen, Nietzsche defends the need to act in a manner contrary to that of the freethinker, represented in the figure of the theologian David Strauss. The philosopher draws attention to issues relating to a fulfilling existence. The freethinker, on the other hand, is too preoccupied with fame; he doesn't focus on popular culture or what is really necessary for life. He is only linked to the masses; he is a child of the typically German and nationalist culture of his time. Thus, Nietzsche points out that David Strauss is submissive to Christian morality and the state. In this way, he also influences other scholars to continue making these same mistakes, since he is seen as a kind of leader of this public, even though he is a philistine of culture.

Key-words: culture; state; christianity; existence.

¹ Doutora em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Email: pamy_gois@yahoo.com.br

Lista de Abreviaturas das obras citadas de Nietzsche²

Ecce Homo (EH)

I Consideração Extemporânea, David Strauss (DS)

Humano, Demasiado Humano (HH I)

Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino (EE)

Introdução

Nietzsche é um filósofo cada vez mais estudado e debatido nas instituições de ensino. Proporcionando diversas interpretações e críticas a temas que permanecem atuais, seus livros alcançam desde acadêmicos intelectuais a leigos como um todo. A princípio, foi sua irmã, Elizabeth Förster quem teve o papel central na disseminação do pensamento do filósofo. No entanto, como analisa Paul Janz³, após a morte dele, ela acaba por vincular suas obras ao regime totalitário de cunho fascista com o qual ela se familiarizava⁴. Devido às diversas leituras equivocadas acerca dos textos nietzschianos, é necessário demonstrar que o pensamento do filósofo sempre esteve desvinculado de elementos políticos e ideológicos estadistas. Para tanto, compreender isso demanda um estudo biográfico incluindo seu círculo de amizades, leituras, correspondências pessoais e, principalmente, sua experiência enquanto professor universitário, época em que já se pode averiguar o seu total distanciamento no que se refere ao nacionalismo alemão em ascensão. Esse resgate colabora, justamente, na correção das interpretações equivocadas que ligam o filósofo a um pensamento político autoritário. Uma vez que, enquanto educador, ele sempre se

² Para mais detalhes das obras, vide “Referências”.

³ “O músico suíço Curt Paul Janz (1911-2011) interessou-se pela obra filosófica e musical de Friedrich Nietzsche no caminho de uma profunda ocupação com a música de Richard Wagner. Em 1959, começou seu trabalho histórico e crítico-filológico com os manuscritos de Nietzsche no Nietzsche- Archiv de Weimar [...]. Pouco antes desse período, Richard Blunck havia projetado e dado início ao que considerava como a primeira biografia científica completa do filósofo. Depois da morte de Blunck, ocorrida em 1962, Curt Paul Janz assumiu o projeto por ele iniciado e deu-lhe acabamento. O resultado veio em 1978, em Munique, com a primeira edição do hoje clássico: *Nietzsche: biographie*, em 3 volumes”. (GIACOIA, Jr. “Prefácio à edição brasileira” in. JANZ, Paul Curt. Nietzsche: uma biografia, Petrópolis: Vozes, 2016, p. 7).

⁴ Tal apropriação teria sido uma grande deslealdade a Nietzsche, já que ambos tinham fortes relações afetivas, pelo menos no período de juventude. Como será exposto aqui, o filósofo nunca compactuou com ideias nacionalistas, tampouco com o desejo de dominação cultural por parte do Estado. Algo que Elizabeth sabia bem, mas intencionalmente manipulava. Toda a filosofia nietzschiana trabalha exatamente de maneira oposta a tais pretensões nacionalistas. Desta forma, nas palavras de um dos seus principais biógrafos, “esse relacionamento entre irmão e irmã teve uma influência muito maior sobre a vida de Nietzsche e, sobretudo, sobre a forma e interpretação de sua obra do que tem sido reconhecido até agora” (Janz, 2016, Vol. I, p. 127.). Nietzsche de fato se distancia intelectualmente de todos os objetivos do Estado nacionalista que o cercava, algo que fora totalmente ignorado por sua irmã e aqueles que a seguiram no que se refere a interpretação da obra nietzschiana.

mostrou a favor de um tipo de formação que independesse do Estado e que levasse o seu alunado às reflexões próprias. Com esse intuito elaboramos o presente texto.

1 – A cultura não autêntica

Ao se ler as *Considerações Extemporâneas*⁵ de Nietzsche, a impressão que se tem é de uma análise que perpassa a Alemanha do século XIX e nos atinge em cheio, no século XXI. Como se o filósofo estivesse falando também para o tempo presente, algo de que ele terá plena consciência mais tarde, como revela em 1886 e em sua autobiografia, *Ecce Homo* (EH).

As chamadas *Considerações Extemporâneas*, coleção com quatro textos de Nietzsche feitos enquanto ele lecionava na Universidade de Basileia, surgem após a guerra franco-prussiana (1870-71). Nelas o filósofo faz o seguinte veredito à situação de dependência cultural em que seu povo se encontrava: mesmo com vitória da Prússia sobre a França e a unificação dos estados germânicos em janeiro de 1871, a Alemanha não se tornou culturalmente autônoma. Ao participar da guerra como enfermeiro – apesar de uma curta experiência⁶ – Nietzsche repensa filosoficamente a utilidade dessa para o que realmente importa, a liberdade da cultura. Ele não hesita em traçar intensas oposições às questões relacionadas ao domínio do Estado. A partir dessa experiência a sua escrita passa então a demonstrar uma crítica direta ao Estado de Bismarck, na época primeiro ministro alemão. Dentre essas considerações, Nietzsche traz David Strauss⁷ como o maior representante desse tipo de cultura não autêntica e que aprisiona o ser humano a uma condição gregária.

⁵ Escritas entre 1873 e 1875. No que tange esses escritos, destaca-se que, “no início, ele ainda subordinou sua obra filosófica ao método histórico-filosófico e ao programa cultural de Bayreuth (‘Strauss’, ‘História’), mas passo a passo, foi dissolvendo esses vínculos. Os ‘Cinco prefácios’ redigidos à Sra. Cosima já haviam servido a esse propósito. Mas Nietzsche queria se revelar como filósofo diante do público filosófico. Para isso, planejou treze ‘Considerações extemporâneas’, das quais conseguiu executar apenas quatro, algumas ficaram presas em fases avançadas, outras nem chegaram a se concretizar em esboços, certamente não apenas, mas também devido à falta de tempo e de forças e às suas obrigações profissionais” (Janz, 2016, Vol. I, p. 409). Nota-se que o jovem professor já tinha pretensões únicas com relação a uma filosofia que fosse autêntica, desvinculada das questões debatidas em seu meio no que se tange a formação cultural da época. Com esses projetos de escrita o filósofo traz consigo um desejo de renovação cultural que se desvinculasse daquilo que era considerado uma cultura erudita.

⁶ Cf. Janz, 2016, Vol. I, p. 302.

⁷ Teólogo alemão nascido em 1808 e falecido em 1874, (seis meses após publicação da *I Consideração Extemporânea*, David Strauss (DS), que corresponde justamente a uma crítica à obra de Strauss *A velha e nova fé – uma confissão*). Demanda destacar que a crítica a superficialidade intelectual e cultura ao teólogo parte do círculo de Richard Wagner, que na ocasião era um amigo próximo de Nietzsche. Assim, “após as ‘palestras sobre a educação’, Wagner acredita agora que seu jovem amigo conseguiria realizar o trabalho no qual ele havia fracassado cinco anos antes” (Janz, 2016, Vol. I, pp. 423 - 24). Futuramente na obra *Humano, Demasiado Humano* (HH I), o jovem filósofo irá ampliar essa crítica feita a Strauss ao próprio Wagner.

Um dos principais biógrafos de Nietzsche, Paul Janz, traz a última anotação do filósofo em seu caderno, do final de dezembro de 1888, pouco antes de ele entrar em total colapso intelectual, em janeiro de 1889⁸. Ela diz respeito justamente ao contexto político de dominação do Estado alemão de Bismarck. Trata-se de uma espécie de esboço para um projeto futuro, como ele sempre fizera antes de concretizar uma obra. Porém, no caso, ela nunca se materializou, dada a impossibilidade intelectual de Nietzsche, que o acometeu até sua morte em agosto de 1900. Paul Janz defende que a anotação está entre a razão e o delírio. Porém, ela tem muito a nos oferecer:

Trago a guerra. *Não* entre o povo e povo: não tenho palavras para expressar meu desdém pela política abominável de interesses das dinastias europeia, que fizeram da arrogância, da elevação do povo sobre outro um princípio e quase uma obrigação. [...] “O conceito da política desembocou completamente numa guerra de espíritos, todas as figurações de poder foram explodidas – haverá guerras como jamais existiram na terra” [...]. Hoje, momento em que um partido abominável está no poder, em que um bando de cristão semeia a semente amaldiçoada do nacionalismo entre os povos, pretendo ‘libertar’, por amor aos escravos, aos servos domésticos negros, precisamos acusar a mentira e a inocência na mentira diante de um tribunal da história do mundo [...]. O Príncipe Bismarck destruiu, em prol de sua política doméstica e com a abominável certeza do instinto, todas as condições para grandes tarefas, para fins históricos mundiais, para uma espiritualidade mais nobre e fina. Pretendo ser juiz aqui e, a cada milênio, pôr um fim à loucura criminosa das dinastias e dos sacerdotes...A humanidade já se acostumou tanto com essa loucura que hoje acredita precisar de exércitos para a guerra [...]. “Última ponderação. Se pudéssemos desistir das guerras, melhor ainda” (*apud* Janz, 2016, Vol. II, pp. 502 - 3).

Nota-se aqui uma espécie de sínteses para nossa reflexão filosófica com relação ao pensamento nietzschiano acerca da crítica tanto ao Estado quanto à Igreja, ou seja, de alguma maneira, questões relacionadas à política de seu povo. A sua aversão ao Estado é, portanto, nítida, não apenas em seus primeiros escritos, mas, também, em seu último lapso filosófico. Nietzsche vê no nacionalismo proposto pelo Estado, tanto o alemão como o europeu, a impossibilidade de o espírito livre nascer. Ao contrário, trata-se aqui do aprisionamento do espírito daqueles que por ventura forem submetidos aos interesses dos que governam.

Observa-se com as *Considerações Extemporâneas* que o filósofo não compactua com o nacionalismo em acessão no pós-guerra. Neste momento de seus escritos que pensam a educação, ele “já não podia suportar o fato de o Estado arvorar-se como o mentor da cultura, quando, na verdade, visava apenas a seu interesse; já não acreditava

⁸ Cf. Janz, 2016, Vol. III, pp. 28 - 29.

em nacionalismos” (DIAS, 2003, p. 34). Nietzsche compreende que o Estado alemão, mesmo após a guerra, continua dependente da cultura francesa. A principal libertação, que era a cultural, não ocorrera. Deste modo, ele pondera que mesmo com o movimento renascentista, que acontecera em seu país, apesar de buscar nos gregos uma inspiração para a elevação cultural, não deve ser compreendido como algo esplêndido que colaboraria para uma autenticidade alemã. Em outras palavras, mesmo com o Renascimento que se deu tardiamente na Alemanha eles ainda continuavam sendo reféns, sem nenhuma ressalva, da cultura francesa.

Acrescenta-se a esse debate que, enquanto a França já se desenvolvia muito anteriormente por meio deste novo parâmetro renascentista, em oposição à cultura cristã oriunda do período medieval, na antiga Prússia o movimento chega após mais de dois séculos. Esse movimento ainda não oferece resistência a uma moralidade procedente do cristianismo institucional, que é mantida sob influência das instituições de ensino. Embora o recém país formado tivesse uma necessidade de se libertar culturalmente – já que era um povo que estava à procura de sua autenticidade, a saber, de princípios próprios que configurassem algo que o representasse enquanto nação – se manteve refém de uma tradição de eruditos acadêmicos. Assim, Nietzsche denuncia que o povo alemão não concebeu o Renascimento como um movimento que pudesse efetivamente contribuir para a construção de uma cultura alemã autêntica, própria, apesar de almejá-la.

Destaca-se, no que diz respeito ao jovem Nietzsche, que ele é sem dúvidas um filósofo e professor militante, não se associa a nenhuma forma de regime ideológico estatal. Além do mais, possui um pensamento próprio com relação a determinados aspectos da formação educacional e cultural do seu povo. Pode-se notar que nesses escritos em questão o filósofo já se mostra atento às possíveis consequências do nacionalismo sobre seu país, proveniente dos sentimentos que a vitória na guerra trouxe para aquele povo, a saber, a “*extirpação do espírito alemão em favor do ‘Império alemão’*” (DS, §1, p. 4). Ele observou cuidadosamente os perigos desse tipo de política nacionalista para a cultura.

Mais tarde, em sua autocrítica, Nietzsche reforça a discussão para a qual estava chamando atenção nessa época inicial, enquanto professor. No que diz respeito a esse período da história que estava vivendo, em *Ecce Homo* (EH), Nietzsche afirma: “não há pior mal-entendido, dizia eu, do que acreditar que o grande êxito alemão nas armas demonstre algo em favor dessa cultura – muito menos a vitória *dela* sobre a França” (EH, § 1 Co. Ext., p. 67). Tal análise é proveniente, sobretudo, do fato de que o chamado

Renascimento, ideia de retorno à cultura grega como ponto fundamental no desejo de constituição de novos valores educacionais como um todo, tardou a chegar na Alemanha e chega por vias francesas se mantendo assim ligado à França e, também, a uma ideologia nacionalista. Assim, esse Renascimento não representou nenhuma resistência aos interesses de Estado.

2 - Os filisteus da cultura

O termo *Bildungsphilister*⁹, traduzido como filisteu da cultura, é utilizado nos círculos acadêmicos da época de Nietzsche¹⁰. Designa justamente aquele que é cultivado no seio da pátria mãe nacionalista e exprime esse tipo que compreendia a Alemanha enquanto uma cultura grandiosa. Ele é totalmente submisso aos interesses do Estado. A partir desse tipo como predominante em uma cultura não é possível nascer nada novo, pois ele está sempre sujeito às regras que lhe são impostas. Assim, o filisteu da cultura está distante da ideia de criação livre. São para essas problemáticas que Nietzsche volta seu olhar ao falar de David Strauss.

Em sua *I Consideração Extemporânea*, (DS), o filósofo não hesita em desafiar a tradição moderna e tudo o que nela é afirmado enquanto saberes inquestionáveis. Seu tom é provocativo, e pelo caráter atemporal, como todos os seus escritos, atinge também um tempo de agora. Com essa *Consideração extemporânea*, de 1873, ditada ao amigo Gersdorff¹¹, o filósofo demonstra um explícito distanciamento intelectual de todos os valores e normas estabelecidos dentro das instituições de ensino de sua época, sobretudo por trazerem consequências negativas na cultura do seu país.

Os impasses entre formação [*Bildung*], cultura [*Kultur*] e o caráter pleno da existência são observados e expostos nesse período em questão. O filósofo vê como responsáveis diretos pela degeneração de um povo a tríade de detentores do poder ideológico: Estado, Igreja e eruditos. Esses caminham juntos, de mãos dadas na formação do jovem acadêmico e no cultivo de um ciclo que oferece continuidade aos chamados filisteus da cultura. Todos estes, em vez de se vangloriarem com a guerra, deveriam estar

⁹ Cf. PASCHOAL, Antonio Edmilson. Apresentação, p. 11, nota de rodapé 8. In: NIETZSCHE, F. *David Strauss, o confessor e o escritor*. 2020.

¹⁰ Cf. *ibidem*, p. X.: “uma pessoa de pouca cultura, cujos interesses são ligados apenas às coisas tangíveis, materiais, vulgares e convencionais. Esse é o filisteu da cultura. Um tipo de homem sem grande inteligência artística ou intelectual, mas que se proclama culto e que toma para seu deleite as obras dos autores clássico, como se elas tivessem sido feitas para ele, da mesma forma como lança mão dos avanços da ciência e das conquistas da guerra, como se tudo o que foi produzido pela natureza e pela humanidade, até então, tivesse a ele e o seu bem-estar por finalidade”.

¹¹ Cf. *ibidem*, p. VII, nota de rodapé 6.

preocupados em resgatar a sua própria cultura, aquela esquecida nesse processo de nacionalismo que estava entrando em vigor, mas que representava de fato uma autenticidade do povo alemão, isto é, uma cultura outrora abandonada.

O nacionalismo presente nesse contexto em questão é totalmente hostilizado por Nietzsche. Observa-se isso em suas palavras: “pois o que pode ser mais penoso de se ver do que um ser deformado que se pavoneia, como um galo que fica diante do espelho trocando olhares admirados com a sua imagem” (DS, §1, p.7). Aos olhos do filósofo, assim se sentia um alemão em sua época, como alguém que se vangloria ilusoriamente, pois sem ter nada a celebrar, ainda é escravo da cultura oriunda do estrangeiro. Nietzsche faz uma denúncia solitária de que espírito alemão é cativo aos interesses do Estado. Porém, ela não é percebida entre aqueles filósofos eruditos de cátedra, que estão em plena satisfação com a cultura vigente. A crítica ao livre-pensador será fonte de questionamento para o jovem professor Nietzsche, que observa atento as demandas pedagógicas nas instituições de ensino que o cercam. Nesse sentido, para ele a formação cultural dos jovens não fora vencedora com a guerra, “o conceito puro de cultura (*Kultur*) há muito se perdeu” (DS, §1, p.8).

Antes de tudo, a cultura parece se confundir com erudição para os alemães. Nietzsche os acusa de não possuírem um estilo, de que apenas se apropriam daquilo que outros criaram e que agora o Estado determina como sendo grandioso e único, sem perceberem que não se trata de algo que é autêntico. Assim é o filisteu da cultura: “com ausência de estilo ou com a caótica confusão de todos os estilos” (DS, §1, p.9). São meros imitadores, quando na verdade deveriam prezar pela criatividade em criar ou cultivar aquilo que é próprio de sua nação. Destarte que é o próprio Estado que mantém esse incentivo. São aqueles que estão no poder que partem da disseminação desse tipo de cultura filisteia, isto pois, é no seio das instituições de ensino que tais tipos são criados sob a tutela do Estado para assim se tornarem seus servos.

Nota-se que o Estado alemão alimenta o surgimento do filisteu da cultura. Tal tipo é tratado com prestígio devido a sua utilidade ao Estado, na medida que além de se aprisionar aos seus interesses, também o ajuda através da formação de jovens, que se caracterizam enquanto seus seguidores, a manter uma cultura que não apresenta um enfrentamento a ele. Acrescenta-se a isso que o filisteu não passa de um falsificador, nada nele provem do desejo de se emancipar filosoficamente. Ele está em oposição direta aos espíritos que almejam liberdade, àqueles eremitas, tal como o “velho Schopenhauer” que busca sozinho seus próprios horizontes. Nesse tipo em questão não há buscas filosóficas;

nem através do exemplo dos ditos clássicos, que outrora foram grandes espíritos da sua nação, tampouco há por autenticidade em si próprio, “pois não é permitido procurar; esse é o lema do filisteu” (DS, §2, p.16). O filisteu da cultura, ou ainda o livre-pensador, destoa dos espíritos que buscam liberdade de fato, pois ele está preocupado apenas com questões que são de ordem insignificante para o crescimento e a formação de povo. O livre-pensador é justamente alguém que reproduz um conteúdo sem avaliação, possui uma crença dogmática de que ele próprio é livre e se distingue dos demais o que cercam.

No tocante às críticas de DS, a supervalorização da racionalidade bem como da filosofia hegeliana tange grande parte do debate, uma vez que o filisteu é justamente um servo deste sistema tradicional. Assim, Hegel “falou acerca de uma racionalidade de todo real e com isso cativou a simpatia do filisteu da cultura” (DS, §2, p.18). Nietzsche pensa a figura do filisteu da cultura a como algo que representa uma “praga daninha”, impedindo o renascimento de uma cultura própria, que estivesse para além do círculo hegeliano. Esse tipo em evidência nos círculos intelectuais remete a alguém que está preocupado essencialmente com seu ganha-pão, em consequência, ele está eternamente satisfeito com a situação em que seu povo se encontra, pois essa não é sua preocupação primeira. Exaltar ou apenas tecer comentários sobre aqueles que são considerados como consagrados e indivíduos geniais torna-se o seu maior objetivo. O grande problema é que ele não consegue compreender a grandiosidade desses verdadeiros espíritos da cultura alemã, faz interpretações errôneas acerca deles.

Nietzsche apresenta o filisteu da cultura, que tem na figura do teólogo David Strauss seu maior representante. Sua grande sentença: o seu exacerbado cristianismo que não o fez perceber o que realmente é danoso nessa religião, a saber, a sua moralidade. Em resumo, o filósofo compreende que no livre-pensador nada é novo, ele apenas reproduz ou interpreta de maneira extremamente precária aquilo que já fora dito por figuras geniais. Em complemento essas discussões, destacam-se aqui as palavras de Nietzsche sobre o principal livro de David Strauss:

O que pode nos interessar, se aquele lindos capitulozinhos foram escritos recentemente! Se o que importa é que foram escritos! Sinceramente, eu gostaria que eles tivessem sido escritos um quarto de século atrás, pois assim eu saberia por que tais pensamentos me parecem tão desgastados e por que possuem em si o cheiro mofado de coisa velha. Porém, que uma coisa tenha sido escrita no ano de 1872 e já em 1872 cheire a mofo, é algo que me deixa pensativo (DS, §4, p.34).

O filósofo observa que na obra *As confissões*, Strauss, ao fazer crítica apenas dos aspectos históricos da vida Jesus tidos como verdades, não faz um exame aprofundado do que realmente importa¹². A saber, o quão prejudicial é para a civilização moderna a moralidade da religião que se sucede após Jesus e se diz embasar em seus ensinamentos. Assim, pouco importam tais críticas relacionadas à vida pessoal de tal figura que se tornou representante máxima da religião presente no Ocidente, se ainda se considera a moralidade pregada pelas instituições dessa religião acima da própria vida. Strauss não entendeu aos verdadeiros problemas do mundo moderno ocidental, ou seja, sua escrita não traz acréscimos filosóficos para a existência propriamente dita. Nas palavras de Nietzsche:

Como pode alguém pensar apenas no cristianismo ou usar a expressão “antiga fé”? Aqui se torna evidente que Strauss nunca deixou de ser um teólogo cristão e, conseqüente, não aprendeu a tornar-se filósofo, assim ele surpreende novamente por sua incapacidade de diferenciar entre crer e saber e por nomear constantemente num único fôlego aquilo que chama de “nova fé” e a ciência moderna. Ou a expressão “nova fé” seria apenas uma acomodação irônica ao uso corrente da língua? Parece quase ser o caso quando nós vemos que aqui e ali ele deixa as expressões “nova fé” e “nova ciência” se substituam harmoniosamente uma à outra (DS, §9, p.77).

O filósofo chama a atenção aqui para a problemática já apresentada anteriormente por Schopenhauer, que é a junção da teologia com outros campos de conhecimentos que não dizem respeito à fé, mas sim a investigação e pesquisa intelectual. Em contraposição a essa crítica, Strauss coloca a fé e ciência enquanto sinônimas, ou seja, o líder dos filisteus passa a requerer para a teologia um estatuto científico. Todavia, Nietzsche observa atentamente que não é possível pensar a nova fé, proposta por Strauss, dentro dos moldes de um tipo de ciência que não se confunda com a própria religião. O teólogo não só se equivoca quando comenta em seus escritos sobre a da história da filosofia, mas também quando traz a nova fé atrelada a uma espécie de pensamento original acerca do que ele acredita ser fundamental para a teologia cristã e para o pensamento intelectual da época.

Strauss cria uma espécie de Evangelho com sua obra e o relaciona com o pensamento filosófico. No entanto, para Nietzsche ele está distante até mesmo do caráter essencial da história da filosofia. Importa destacar que tal escritor representa o livre-

¹² Strauss “apresentava Cristo como um mito, como figura de uma lenda, cuja existência histórica não pode ser comprovada” (Janz, 2016, Vol. I, p. 422).

pensador. Portanto, aquele que é considerado uma figura de prestígio por uma nação que não tem uma concepção forte de cultura que lhe seria própria. Por isso, suas obras se tornam um Evangelho e ele passa a ser uma espécie de profeta nessas culturas enfraquecidas pela Estado e pela Igreja Cristã. A denúncia de Nietzsche é única: as culturas de massas “combinaram entre si de inverter a natureza e nome das coisas e, doravante, falar de saúde onde nós vemos fraqueza, [...]”. É dessa forma que também David Strauss pode ser tomado por um ‘clássico’ (DS, §11, p.100). Foi assim que ele se tornou um líder para os filisteus da cultura. Nota-se que Nietzsche é um filósofo que em meio ao seu tempo já questiona aqueles que eram colocados como clássicos, como ligados a tradição filosófica, ou ainda, tudo aquilo que no campo intelectual é classificado como verdadeiro, universal e único.

Cabe ressaltar aqui, como o próprio Nietzsche afirma mais tarde em sua autocrítica, que ele não está atacando a pessoa de Strauss, mas sim o que ele representa para esse sentido de uma cultura no qual a Alemanha estava vivenciando¹³. Como afirma Paul Janz (2016), Strauss vem a falecer seis meses após a publicação da crítica de Nietzsche aos seus escritos, possivelmente não chegou a ler as objeções do jovem professor contra seus escritos. Algo que conforta Nietzsche, uma vez que ele não estava em busca de causar rivalidades pessoais com o teólogo¹⁴. Seu único objetivo era o de trazer à tona a desmistificação da figura do livre-pensador, concebido na época como alguém que era digno de veneração e honrarias. Bem como observa-se nessa passagem da autocrítica feita para DS:

O primeiro livre-pensador alemão!... De fato, uma forma inteiramente *nova* de livre-pensar encontrava expressão por vez primeira: até hoje nada me é mais alheio e distante do que toda a espécie europeia e americana de “*libres penseurs*”. Com eles, incorrigíveis mentecaptos e bufões das “ideias modernas”, encontro-me mesmo em mais profunda divergência do que com seus adversários. Eles também querem a seu modo, “melhorar” a humanidade à sua imagem, eles fariam guerra sem tréguas ao que sou, ao que *quero*, se apenas o compreendessem – eles todos creem ainda no “ideal” [...]. Eu sou o primeiro *imoralista* (EH, § 1 Co. Ext., p.68).

Essa é uma afirmação póstuma a *Extemporânea* em questão, no entanto, a ideia de filósofo enquanto médico da cultura já era um anseio que estava presente no jovem professor da Basileia. A *I Extemporânea* é resultado de um projeto feito por um filósofo

¹³ Cf., EH, § 7, *Porque sou tão sábio*, p. 32.

¹⁴ Cf. Janz, 2016, Vol. I, p. 425.

que se colocava enquanto esse médico¹⁵. Aqui, ele traz consigo um valioso antídoto: *o imoralismo*. Inclusive, Nietzsche compreende que fora respeitado e se impôs enquanto filósofo justamente por causa desse momento de sua escrita¹⁶.

3 – O médico da cultura

O médico da cultura é alguém responsável por fazer o diagnóstico do livre-pensador. O antídoto contra esse último tipo, que é prejudicial a toda cultura, é a guerra às suas concepções morais, pois essas reafirmam os valores degenerativos à vida. Foi isso que o círculo acadêmico de Strauss não compreendeu. Ao invés de se preocuparem com o cristianismo enquanto instituição e uma potência civilizatória que traz enfermidades para a cultura e para a formação dos seus jovens, se voltaram apenas para o caráter pessoal da vida de Jesus. Esse currículo trouxe críticas demasiadamente frívolas no que se refere aos verdadeiros problemas que circundam a existência humana. Nesse sentido, o principal escrito de Strauss, *As confissões*, é tomado como um “oráculo-manual [...] *um livro religioso para os eruditos*” (DS, §8, p. 64). Em consequência direta disso, Strauss se torna um falso modelo a ser seguido, denominado livre-pensador.

Segundo Nietzsche (DS, §11, pp. 102 - 3), a escrita desses tipos prejudiciais à cultura se torna exemplo para a produção acadêmica, pois eles são vistos como líderes nesse círculo e figuras que devem ser tratadas com prestígio por seu meio. Assim, apesar de a escrita de Strauss se contrapor à rebuscada escrita dos hegelianos, todavia, ao contrário dos dois tipos, um pensador verdadeiro terá sua própria originalidade. Não tentará imitar a simplicidade daqueles que são considerados gênios de uma determinada época como fez Strauss, tampouco terá uma escrita inteligível com a de um erudito como Hegel. Nietzsche questiona o padrão estético da produção acadêmica daqueles que são os representantes da cultura de massa. Ele os compreende apenas enquanto imitadores de culturas alheias à popular, isto é, alheias a sua própria cultura original. Tal tipo de estilística é marcada pela ausência de rigor teórico.

O estilo de Strauss se caracteriza por “um livro em partes soltas, como é a maneira de fazê-lo dos doutos. Eles acreditam que tais peças tenham uma ligação entre si e confundem, desse modo, léxico lógico e nexos artístico” (DS, §9, p. 76). A grande contradição de Strauss é justamente se colocar enquanto alguém que traz amplas considerações ao pensamento filosófico, científico e, logo, para a vida, mas que se

¹⁵ Janz, 2016, Vol. I, p. 442.

¹⁶ Cf. EH, § 1 Co. Ext., pp. 67 - 68.

equivoca ao tratar questões básicas, como por exemplo, a gramática alemã¹⁷. Eis a fidedigna definição do que é ser um livre-pensador: ele não possui honestidade nem originalidade intelectual.

Neste contexto, a comercialização da ciência em massa é o principal fator que colabora na promoção da ampla fabricação de livros, que não possuem quaisquer rigores intelectuais. Mesmo que tais livros não contribuam para a cultura do seu povo, são demasiadamente consumidos pelos círculos acadêmicos. Nesse sentido, Nietzsche tem como objeto de crítica o problema da ciência enquanto um produto, isto é, enquanto algo que é feito em grandes quantidades, de maneira urgente, apenas para ser vendido. Em suas palavras: “o homem da ciência deu lugar a uma pressa, como se a ciência fosse uma fábrica, e como se cada minuto perdido acarretasse em um castigo para ele” (DS, §8, p. 66). A alusão feita ao trabalho fabril advém justamente da ideia de que a produção científica possua fins estritamente lucrativos, sem a devida preocupação com relação a questões qualitativas. Em outras palavras, ela apenas se preocupa com suas demandas quantitativas, tais como aqueles que detém o poder econômico, ou seja, estão interessados apenas em produzir suas mercadorias em grande escala para a venda.

Além da ausência de autenticidade, nas palavras de Nietzsche: “o que fica por dizer é que Strauss é um péssimo ator e um estilista indecoroso” (DS, §10, p. 91). Sua singela escrita nunca alcançará a do gênio, tão cobiçada por ele. Se esse de fato é o seu desejo, isso também o fez um ator sem qualidade, pois ele é simplesmente um imitador que não possui nenhuma pré-disposição à genialidade e autenticidade. Deste modo, sobre o teólogo enquanto representante de uma cultura moderna adoecida, Nietzsche encerra seu livro com as seguintes palavras:

Honestamente falando: o que vimos foram pernas de barro, e o que nos aparecia com a cor sadia da carne era apenas um revestimento branco de cal que fora repintado. Certamente a cultura filisteia alemã fica indignada, quando se fala de imagens de ídolos repintados, onde ela vê um deus vivente. Quem, no entanto, ousa derrubar suas imagens, dificilmente temerá dizer a ela, na cara, apesar de toda indignação, que ela mesma desaprendera a distinguir entre vivo e morto, autêntico e inautêntico, original e cópia, deus e ídolos, e que com ela se perder o instinto saudável e viril do real e do justo. [...]. Com isso eu fiz a minha confissão. É a confissão de um só; e o que pretende, pois, um só contra todo o mundo, mesmo que se ouça sua voz em toda parte! (DS, §12, pp. 120 - 1).

¹⁷ Nietzsche se utiliza do §12, *Primeira Extemporânea*, para fazer duras críticas a Strauss no que se refere a problemas básicos relacionados à gramática do idioma alemão. Segundo Nietzsche é inaceitável alguém que requer o título de gênio para si apresentar tais erros, bem como erros de interpretação acerca de grandes filósofos, poetas e gênios cometidos por Strauss.

Nietzsche pronuncia aqui sua própria sentença enquanto filósofo: destruir ídolos. Ele está sozinho e fala em uma época em que esses ídolos, intitulados livres-pensadores, começam a cumprir o mesmo papel das divindades religiosas cristãs. Nesse momento, os livres-pensadores ocupam um lugar de prestígio na cultura alemã sem serem questionados. São charlatães que passam despercebidos de quaisquer críticas com relação ao seu pensamento intelectual. Em outras palavras, eles simplesmente depositam seus escritos de cunho jornalísticos nos círculos compostos por homens considerados doutos, sem sofrerem nenhuma retaliação acerca daquilo que afirmam enquanto teorias.

Conclusão

Ressalta-se que Nietzsche, já nas suas conferências sobre educação em EE, proferidas ao seu alunado, falava sobre a necessidade da questão da existência enquanto tema filosófico. Ela é trazida em pauta em oposição à erudição, na sua *I Extemporânea* não fora diferente. O livre-pensador se caracteriza enquanto alguém que acumula uma produção de escritos, mas que pouco questiona “as coisas sérias da existência” (DS, §8, p. 68). Ou ainda, não possui preocupação com o verdadeiro problema filosófico: a vida. Em síntese, por via de preleções, os filisteus da cultura, tendo Strauss como seu maior representante, têm por objetivo apenas satisfazerem os seus desejos em se tornarem populares entre as massas, mas pouco se importam com a formação cultural do seu povo, ou com o caráter afirmativo da vida. Segundo o ponto de vista nietzschiano, esses tipos de homens, que são escravos do Estado, são os responsáveis diretos por padecerem a vida e a cultura de um povo. Além de se manterem dependentes de outras culturas, como a Alemanha se manteve da França, também se compactuam aos interesses de aprisionamento e controle do Estado e da Igreja. Pode-se notar através de todas essas colocações na *I Extemporânea*, que ao falar sobre a cultura e da formação dos jovens, novamente o filósofo se preocupa com a força vital desses. Em sua concepção, isso deveria ser prioridade para qualquer nação que deseja ser autêntica e emancipar da tradição estabelecida pelo mundo ocidental. Observa-se que tais questões vêm em complemento ao que o jovem professor já havia militado em suas conferências.

Nietzsche sempre foi um crítico do homem erudido. Ele traz exemplos como David Strauss, Hegel, e, de um modo geral, todos os professores universitários de sua época, sobretudo, na Alemanha. Aos seus olhos, eles são frutos da modernidade, considerada por ele como equivocada no que diz respeito à concepção de progresso. O

filósofo defende a necessidade de um povo ter sua própria cultura e pensamento intelectual que não sejam importados de outras nações, ou impostos por determinados interesses de doutrinação, seja por parte dos governantes ou da Igreja. Aqui, a ideia de progresso defendida pela modernidade europeia é totalmente rejeitada por Nietzsche.

Referências

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 2003, 2ª edição.

COLLI, Giorgio. *Escritos sobre Nietzsche*. Trad. de Maria Filomena Molder. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

JANZ, Paul Curt. *Nietzsche: Uma Biografia*. Vol. I, II e III. Trad. Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes. 2016. Vol. I, I e III.

NIETZSCHE, Friedrich. *I Consideração Extemporânea: David Strauss, o confessor e escritor*. Trad. de Antonio Edmilson Paschoal. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

_____. *Cinco Prefácios para Cinco Livros não Escritos*. Trad. de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

_____. *II Consideração Extemporânea: Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Trad. de André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017.

_____. *III Consideração Extemporânea: Schopenhauer Educador*. Trad. Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan. São Paulo: Mundaréu, 2018.

_____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

_____. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*. In: _____. *Escritos sobre Educação*. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

Recebido em: 22/03/2024.

Aprovado em: 10/07/2024.